

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lêpi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano III — Número 25

Janeiro de 1965

Um Povo Seu Especial

O êxito do trabalho missionário é frequentemente avaliado pelo número de baptismos que ano após ano se vão realizando. Ao lermos a história da Igreja, deparamos com missionários que baptizaram num só dia milhares de adeptos e ficamos maravilhados com o êxito.

O facto, porém, é que grande número de comunidades cristãs assim formadas cedo se desmoronaram, como sucedeu, para não irmos mais longe, com o outrora florescente reino cristão do Norte de Angola do qual, já no século XIX, dificilmente se encontravam vestígios.

Por importante que seja, como é na realidade, o número de baptismos, o trabalho missionário não termina aí. O baptismo é o testemunho público da aceitação de Jesus como Salvador, mas entre ele e o termo da vida há um vagaroso processo de santificação que deve constituir o objecto da maior solicitude por parte de todos quantos se interessam pelo progresso do Cristianismo.

Com o baptismo não terminou, mas pelo contrário começa verdadeiramente, a grande tarefa do obreiro a favor da Igreja.

A Palavra de Deus é bem clara a este respeito. Como sucedia com o Precursor, o nosso objectivo deve ser «preparar ao Senhor um povo bem disposto». Luc. 1:17.

O apóstolo Paulo sentiu bem essa necessidade. O seu alvo era «que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo». Col. 1:28.

O próprio Senhor Jesus, «deu-Se a Si mesmo por nós, para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para Si um povo Seu especial, zeloso de boas obras» (Tito 2:14), ou, noutros termos, deu-Se pela Igreja, «para a apresentar a Si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível». Efés. 5:27.

«Depois de as pessoas se haverem convertido à verdade, cumpre sejam cuidadas. Parece que o zelo de muitos ministros esmorece assim que alcançam certa medida de êxito em seus esforços. Não compreendem que os novos convertidos necessitam de ser atendidos — vigilante atenção, auxílio, animação. Não devem ser deixados a si mesmos, presa das mais poderosas tentações de Satanás; eles precisam ser instruídos com relação a seus deveres, ser bondosamente tratados, conduzidos e visitados, orando-se com eles. Essas almas necessitam do alimento aquinhoado a seu tempo a cada homem.

«Não admira que alguns desanimem, se retardem pelo caminho, e sejam deixados por presa aos lobos. Satanás acha-se no encalço de todos. Envia seus agentes para levarem de volta às suas fileiras as almas que perdeu. Deve haver mais pais e mães para tomarem ao colo esses infantes na verdade,

MENSAGEM AOS NOSSOS OBREIROS E MEMBROS DA IGREJA

Nós, delegados à Sessão Quadrienal da Divisão Sul-Europeia, realizada em Basileia, de 16 a 23 de Novembro de 1964, enviamos as nossas sinceras saudações fraternais a cada membro da nossa grande família Adventista.

A comemoração do 90.º aniversário da chegada do primeiro missionário adventista, J. N. Andrews, à Suíça, dá-nos uma melhor ideia da maneira como Deus dirige a Sua obra no mundo, e inspira-nos para uma nova consagração, seguindo o exemplo dos pioneiros.

Ao ouvirmos os relatórios das várias actividades nas Uniões e Instituições da nossa Divisão, apercebemo-nos da extensão do progresso feito desde o início, e podemos assim apreciar melhor a bênção divina. Agradecemos ao Senhor de um modo especial pelas abundantes bênçãos de todas as espécies que, apesar da nossa indignidade, Ele nos concedeu durante estes passados quatro anos.

Desejamos também expressar o

e animá-los a orar com eles, para que a sua fé não se confunda». — Testemunhos Selectos, vol I, pág. 454, 455.

Pelo que acima fica exposto, conclui-se que não nos devemos contentar com grandes números de adeptos sem verdadeira experiência cristã. Cumpre-nos envidar todos os esforços no sentido de que os membros de igreja constituam uma elite — bem instruída nos ensinamentos da Palavra de Deus, fiel na observância dos princípios e activa no trabalho missionário.

Ernesto Ferreira

nosso profundo apreço a todos os irmãos e irmãs das igrejas que, pelo seu zelo e fidelidade, têm largamente contribuído para uma proclamação mais ampla desta última mensagem.

Nossa gratidão vai especialmente para os nossos queridos missionários, que trabalham em países distantes, pela obra que têm realizado tantas vezes sob difíceis condições. Partilhamos da sua alegria pelo número de almas salvas através dos seus esforços.

No entanto, somos levados a reconhecer que podiam ter sido alcançados resultados ainda melhores se todos nós tivéssemos sido mais fiéis. A fim de remediar esta falta, foram adoptadas diferentes resoluções. Seu objectivo particular é intensificar a nossa evangelização do mundo, que rapidamente se aproxima do fim da sua história. Devemos todos, sem excepção, aplicar-nos à proclamação da segunda vinda do Senhor e à santificação do povo de Deus. Entre outras resoluções, votámos prestar mais atenção a tudo o que respeita a observância do verdadeiro Sábado.

Para que tenhamos um êxito completo, é também necessário que cheguemos àquela perfeita unidade que nosso Senhor Jesus deseja e que Ele pediu para nós nestas palavras: «... para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que Tu Me enviaste a Mim, e que os tens amado a eles como Me tens amado a mim.» (João 17:23).

M. Fridlin, Presidente
W. A. Wild, Secretário

Perigos das bebidas alcoólicas



QUE SÃO AS BEBIDAS ALCOÓLICAS?

Bebidas alcoólicas são as bebidas que contêm álcool.

Há duas classes de bebidas alcoólicas: as *fermentadas*, que se obtêm por fermentação de sucos de frutos (vinhos) ou pela de cereais (cerveja) e as *destiladas* que resultam da vaporização e condensação, em alambique, de líquidos já alcoolizados (cachipembes, aguardentes).

A percentagem do álcool nessas bebidas é, aproximadamente, a seguinte: cervejas 5%; — vinhos de 10 a 15%; — cachipembes de 20 a 25%; — aguardentes de 50 a 70%.

Quer isto dizer que dois copos de cerveja contêm tanto álcool como um de vinho; que quatro copos de cerveja têm o mesmo álcool que um copo igual de cachipembe; e assim sucessivamente.

Mas que é o álcool? Prescindindo da sua definição científica, basta-nos, para o efeito que pretendemos, salientar algumas das suas características:

1. É um *veneno*. É assim que nas farmácias ele é classificado, ao lado de outros venenos como o clorofórmio e o éter. Como tal, é muito útil para matar micróbios, sendo por isso um bom desinfectante; é também usado para conservar animais mortos sem se corromperem; mas não serve para ser bebido pelo homem.

2. É um *narcótico*. Noutros termos, é uma substância que produz sono mais ou menos profundo conforme a quan-

tidade tomada, podendo chegar a paralisar os centros mais elevados do cérebro.

3. É um *anestesiante*, isto é, faz a pessoa perder as sensações e a consciência. Antes de uma intervenção cirúrgica aplica-se hoje clorofórmio ou éter, que são anestésiantes, para a pessoa se tornar insensível durante a operação. Antigamente o álcool era usado para o mesmo efeito.

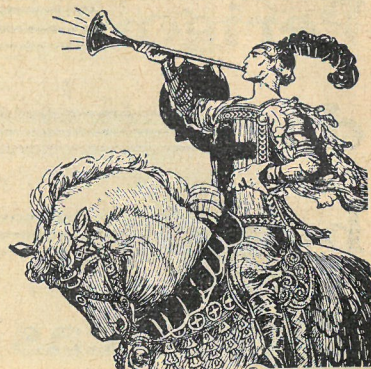
4. É um *analgésico*, o que significa que alivia ou extingue a dor, como sucede com a aspirina ou o saridon.

5. É um *viciador*. Esta é uma das mais perigosas características do álcool, fazendo que a sua vítima seja levada a pouco e pouco a ingerir maiores quantidades, chegando a ponto de não poder passar sem ele. O mesmo sucede com o ópio, a morfina e outros estupefacientes. Pela rádio ouve-se com frequência afirmar em emissões de propaganda de certa marca de cerveja: «As crianças também podem beber um pouco de cerveja: alimenta, refresca e estimula o apetite». Esta linguagem comercial significa apenas o seguinte: «Dêem um pouco de cerveja à criança, e quando esta se converter num jovem ou adulto, e tiver contraído o vício das bebidas, alcoólicas, será um dos melhores clientes do nosso comércio».

É certo que as bebidas alcoólicas não afectam igualmente todas as pessoas. A sua nocividade depende de di-

Continua na pág. 12

Página da Juventude



Como vão as nossas Sociedades?

Um trabalho preliminar a fazer no início do ano é pôr em dia o registo das Sociedades de Jovens.

Há folhas de registo à disposição de todas as Sociedades, quer para os jovens dos 16 aos 30 anos, quer para os menores.

Os pedidos devem ser dirigidos ao Departamento dos M. V. da União, através dos directores das Igrejas e Campos Missionários.

Devoção Matinal

Encontra-se à venda, por 4\$50, o livrinho *Devoção Matinal*, com os versículos para cada dia do ano e com a indicação dos capítulos diários para a leitura do Ano Bíblico.

Por enquanto ainda não chegou o livro *Meditações Matinais* para 1965, da autoria de E. G. White, mas esperamos que chegue em breve.

Vamos fazer um esforço para que este ano todos os jovens das Sociedades de M. V. observem a Devoção Matinal e sigam o Ano Bíblico!

Curso de Leitura dos M. V.

O Curso de Leitura deste ano é particularmente interessante e útil. Compõe-se dos seguintes livros:

Eles são Vossos Amigos,
por A. S. Maxwell

Carey, o Pai das Missões Modernas,
por Artur Ingleby

Que mal tem o Cinema?
por John R. Rice

Sê Perfeito em tudo o que Fizeres,
por O. S. Marden.

Preço do jogo completo destes livros
— 30\$00.

Acampamento dos M. V.

Estão feitos planos para se realizar um acampamento de jovens, de 10 a 19 de Agosto deste ano, em local a fixar pelo Conselho da União.

Serão admitidos jovens de 10 a 30 anos — solteiros ou casados sem filhos.

A diária será de 15\$00 para os que participem desde o início até ao fim do acampamento.

Destino das Ofertas

As ofertas dos Missionários Voluntários, de 1965, destinam-se à construção de um edifício para os Missionários Voluntários de Espanha.

Actividades Missionárias

No início deste novo ano, vamos injectar nova vida em nossas Sociedades de Jovens, pondo em funcionamento os seguintes projectos:

1. Equipas de Amizade;
2. Operação Lareira;
3. A Voz da Mocidade;
4. Escolas Sabatinas Anexas dirigidas por jovens.

Sobre cada um destes projectos vão aparecer artigos explicativos no *Boletim Adventista*,

Equipas de Amizade

Há corações solitários ao nosso redor. Este triste mundo está cheio de homens, mulheres e jovens famintos de compreensão e amizade. O efeito do pecado tem sido sempre isolar a alma de Deus. Também separa amigo de amigo, ente querido de ente querido, e traz profunda solidão.

O único remédio real para a solidão do pecador é a presença de Jesus, o precioso Salvador. Hoje Ele está procurando pessoas que queiram tornar-se canais do Seu amor e queiram levar a sua presença curadora e reconfortante aos que d'Ele necessitam tanto dentro como fora da igreja. Muitos jovens andam desassossegados e anseiam por algo que não possuem. Necessitam de encontrar Jesus, a Pérola de grande preço e a resposta para a sua necessidade. Há pessoas que já conheceram o amor do Salvador e já confessaram o Seu nome, mas hoje são estranhas a esse amor.

Nas grandes cidades há milhares que já andaram connosco nesta benedita mensagem. Em muitos casos essas pessoas encontram-se desesperadamente solitárias e anseiam por voltar. Temos responsabilidade por essas «ovelhas perdidas da casa de Israel». Alguns que têm estado fora da igreja durante vários anos vivem mesmo perto de nós, mas nunca foram chamados pela igreja desde que a abandonaram. Sentem que a igreja já não se preocupa com eles. Se os que amam o Senhor e a Sua Obra saíssem e procurassem essas almas e lhes mostrassem o calor de um verdadeiro amor e amizade, centenas seriam de novo trazidas para o aprisco.

Que as nossas sociedades de jovens se organizem agora para o evangelismo de amizade. Os nossos jovens podem ter mais influência em ganhar os seus amigos para Cristo do que os que são mais velhos. Não começou o o nosso movimento da juventude por-

que dois jovens sentiram um dia responsabilidade pelas necessidades espirituais da juventude que os rodeava? O tempo é curto. O Senhor está para vir. Hoje Ele chama milhares de consagrados jovens de coração fervoroso, para irem junto dos outros jovens e trazê-los de novo com amor para o rebanho.

«Se nos humilhássemos perante Deus e fôssemos amáveis e corteses e misericordiosos e compassivos, haveria cem conversões para a verdade onde apenas há uma.» — *Testimonies*, vol. 9, pág. 189.

A juventude Adventista do Sétimo Dia deve tomar a iniciativa e por meio de amor e camaradagem cristã abrir as portas da igreja e com um espírito de amizade convidar os solitários, os desanimados e os que não conhecem a Jesus a vir e a experimentar o calor da comunhão inspirada por Cristo.

«O amor (ou amizade) obterá a vitória onde o argumento e a autoridade são impotentes. ... Este é difusivo em sua natureza e sem ruído em sua maneira de agir, e todavia forte e poderoso em seu designio de vencer grandes males. Sua influência é de molde a abrandar e transformar, e tomará posse da vida dos pecadores e lhes tocará o coração quando todos os outros meios se houverem demonstrado infrutíferos.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 1, pág. 210.

Haverá abundância de emocionantes experiências para todos aqueles que se dedicarem a evangelismo de amizade para Cristo.

O plano em acção

1. Reuni a Comissão executiva dos MV e discuti a necessidade e o que se pode realizar. Preparai uma lista de nomes de jovens e adultos que já estiveram na igreja, mas que agora não adoram connosco. Prestai também es-

pecial atenção aos jovens e outros membros que têm desanimado e não frequentam regularmente a igreja. Acrecentai a esta lista os nomes daqueles que têm manifestado interesse visitando a igreja e assistindo às reuniões.

2. Solicitai então o privilégio de reunir os oficiais MV com o conselho da igreja e apresentai a este conselho a necessidade, a lista de nomes e o plano. Procurai conselho desse grupo.

3. A comissão executiva dos MV deve nomear chefes das equipas de amizade.

Os deveres dos chefes de Equipas de Amizade são os seguintes:

a) Cada Equipa de Amizade é composta de apenas duas pessoas.

b) Os chefes de Equipas de amizade têm de duas a quatro Equipas de Amizade trabalhando sob a sua direcção. (O número dos que participam determinará o número das Equipas e dos chefes.)

c) É dever do chefe ver que cada Equipa faça a sua visita semanal.

d) O chefe deve convocar cada Equipa uma vez por semana e pedir um relatório das respectivas visitas e relatá-las no seu impresso próprio. Por sua vez, deve relatar os resultados ao director da Sociedade dos MV.

e) Se uma Equipa deixou de fazer a sua visita, é responsabilidade do chefe descobrir o motivo. Se a Equipa está desanimada, é responsabilidade do chefe acompanhar na visita seguinte, encorajando assim a Equipa e assegurando que as visitas prossigam da maneira conveniente.

4. O passo seguinte é apresentar o plano de amizade à Sociedade dos MV.

a) Solientai quão simples e fácil é este plano. Consiste apenas em mostrar-se amigo.

b) Declarai que os membros do Conselho da Igreja acreditam no plano e prometeram o seu apoio.

c) Pedi à Sociedade dos MV para se manifestar se acha que este é bom plano.

d) Passai agora cartões de compromisso e pedi às pessoas que os assinem e preencham. Salientai que podem escolher a quem desejarem para trabalhar

com eles, bem como as pessoas a quem desejam visitar.

e) Depois de os cartões de compromisso estarem preenchidos, recolhei-os imediatamente.

5. Agora, com os cartões de compromisso na mão, apresentai os chefes. Dai a cada chefe uma lista das suas Equipas de Amizade e das pessoas que devem ser visitadas. Os chefes devem planejar com as Equipas de maneira que façam a sua primeira visita antes da seguinte reunião dos MV.

6. Convocai uma reunião especial de Equipas de Amizade e demonstrei praticamente como fazer as visitas.

7. Empregai uma parte das vossas reuniões de MV para as Equipas de Amizade apresentarem relatórios das suas visitas. Esses relatórios tornar-se-ão mais interessantes à medida que as visitas continuem e o entusiasmo se comunique. Isto ajudar-vos-á a alistar outros jovens e a iniciar mais Equipas de Amizade. A reunião de oração semanal é também uma ocasião excelente para apresentar relatórios e para orar por pessoas individualmente.

O Plano em Resumo

Os jovens, e os adultos que se lhes queiram unir, devem formar equipas de dois (preferivelmente dois amigos íntimos, ou marido e esposa). Essas equipas podem escolher a quem querem visitar, ou a comissão executiva dos MV pode designar-lhes nomes de pessoas a visitar, se não têm preferência.

O plano das Equipas de amizade é planejado de tal maneira que qualquer pessoa capaz de sorrir e de mostrar-se amigo, pode participar. De ninguém se pede que dê estudos bíblicos ou entre em discussão sobre qualquer doutrina.

O plano da amizade melhor se pode explicar respondendo às perguntas seguintes:

1. *Quando e onde pode ser executado este plano?* As Equipas de Amizade devem tornar-se parte vital e eficaz dos projectos evangelísticos MV. O plano pode ser usado com êxito:

- a. Antes de um reavivamento da igreja;
- b. Antes de uma reunião evangelística dirigida pelo pastor ou evangelista;
- c. Antes de uma série da Voz da Mocidade;
- d. Antes da Semana de Oração dos M.V.

2. *A quem visitam as Equipas de Amizade?* São as seguintes as pessoas que convém visitar:

- a. Os que já pertenceram a nossa igreja (tanto jovens como velhos);
- b. Os que, estando na igreja, se tornaram descuidosos e desanimados;
- c. Os que demonstraram interesse, assistindo a reuniões evangelísticas ou outras actividades patrocinadas pela igreja;
- d. Parentes de membros da igreja (especialmente se conhecem as crenças adventistas do sétimo dia);
- e. Maridos ou espôsas não adventistas do sétimo dia.

Se todos os das categorias acima enumeradas fôsem convidados, centenas seriam ganhos para Cristo.

Como fazer uma visita de amizade? Uma vez decidido qual a pessoa a ser visitada, apresente esse nome ao Senhor, cada manhã e noite, e pleiteie com Ele em favor da conversão dessa pessoa. Então vá visitá-la. Talvez convenha explicar-lhe que os jovens de sua igreja concluíram que o mundo é muito frio e indiferente, e por isso vocês planejaram lançar um programa de amizade, de acôrdo com o qual cada um é solicitado a visitar alguém. Pode-se dizer, por exemplo: «Preferi visitar o senhor, porque é meu conhecido». Ou poderá também seguir o plano de não dizer o motivo da visita. Diga simplesmente que resolveu visitá-lo, pois há tempo que não se encontrou com ele. O modo de se dirigir à pessoa não fará muita diferença, uma vez que esteja orando por ela, e se mostra sinceramente amigo. Um passo importante que não deve esquecer é que, um pouco

antes de se retirar, deve fazer-lhe saber que você apreciou a visita, e que na próxima semana voltará. Isto o levará a aguardar sua visita, e ao mesmo tempo você se prenderá a uma promessa que tem que cumprir.

4. *De quanto tempo deve ser uma visita de amizade?* A primeira visita nunca deve exceder de 30 minutos, e melhor será se for de 20 minutos. Não se esqueça de que você não deve ser o único a falar. Converse sobre o que interessa ao visitado, e se surpreenderá de ver quão depressa ele enveredará por assunto relacionado com Jesus. Mesmo então, lembre-se de que você não o está visitando com o fim de lhe dar um estudo bíblico. O que você deve fazer é, por sua amizade, criar interesse, de modo que o visitado deseje voltar à igreja.

5. *Depois que a pessoa foi visitada várias vezes, haverá alguma coisa que o Pastor ou a Sociedade M V possa fazer para ajudar você a animá-lo a vir à Igreja?* Sim, na verdade, será interessante providenciar um «sábado de retôrno». Planejei sso com o seu pastor. Alguém poderá dar um resumo histórico da igreja, como ela começou, por exemplo, na casa de uma irmã idosa, depois se transferiu para uma garagem, depois para um armazém desocupado, e assim por diante, até que hoje — oh, vejam como Deus nos tem abençoado! O pastor poderá também fazer um apêlo no sentido de todos serem fiéis em assistir às reuniões. As Equipas de Amizade podem preparar o terreno para esse sábado de retôrno, contando àqueles que eles visitam que cada membro levará uma pessoa, de modo que poderão perguntar: «Não irá o senhor conosco»? É também essa uma excelente ocasião para anunciar uma série de conferências, a realizar-se brevemente. Ser sociáveis para salvar, é sempre boa maneira de conseguir que essas pessoas assistam a reuniões especiais da igreja.

(Para mais pormenores, ver o próximo número do *Boletim Adventista*).

FRUTOS INESPERADOS

por E. V. Hermanson

Num Sábado de manhã, enquanto estudávamos a Bíblia, alguém bateu à porta. Era um jovem alemão, que estava a percorrer o continente africano a pé e dependendo de qualquer transporte gratuito que lhe fornecesse algum motorista generoso que seguisse o mesmo rumo. Alguém lhe indicou a nossa porta e desapareceu. Tinha diante de mim um aventureiro com sua escassa bagagem. Oferecemos-lhe tudo quanto precisava durante sua estadia.

Desde o início aproveitámos a oportunidade para lhe falar sobre a Mensagem. Estranhou que guardássemos o Sábado. Explicámos-lhe o que estava escrito na Bíblia. Leu o quarto mandamento e outros textos na sua Bíblia em idioma alemão, mas não lhe pareceu assunto de importância. Entretanto continuou a receber estudos bíblicos, e leu o livro «Estudos Bíblicos» que lhe ofereceu a família Jewell. Fez-se luz em seu espírito.

Por motivos que lhe eram estranhos então, não vinha uma carta que aguardava e sem a qual não podia seguir viagem. A demora proporcionou-lhe a oportunidade de aprofundar-se no estudo da Verdade presente. Quando pôde continuar sua digressão, seguiu munido do endereço de nossos irmãos e instituições que encontraria no seu trajeto. Frutificaram esses contactos. Em pouco tempo suas cartas começaram a revelar um sabor adventista. Sua vida estava transformada. Jesus tinha tomado posse do seu coração.

De regresso à Alemanha, procurou nossa igreja em Stuttgart. Pouco tempo depois, era baptizado. Trabalhou por iluminar seus pais, irmãos e sua noiva. Eram todos contra, mas ele pacientemente dava o seu testemunho. Sua persistência, exemplo, orações e a benéfica influência da juventude adventista acabaram por conquistar a noiva para a Fé de Jesus. Na devida altura também renasceu em Cristo.

Nosso jovem, logo que conheceu a

vontade de Deus, resolveu preparar-se para servir ao Senhor. Abandonou a carreira jornalística mundana e começou a amealhar fundos para estudar numa das nossas escolas. Entretanto casou-se.

Presentemente encontra-se noutra digressão pelo continente africano, atravessando-o com a sua esposa de Norte a Sul pelo lado oriental, num microbus Volkswagen, tendo como destino o Colégio Adventista de Helderberg, próximo de Cape Town, Africa do Sul.

O material que durante suas viagens reuniu com objectivos mundanos, passou a aplicar para fins missionários. Disso resultou larga propaganda através dos jornais, revistas e da rádio, e várias prelecções em igrejas adventistas. Tornou-se mais conhecido o adventismo e os seus altos objectivos.

A vinda daquele jovem à nossa porta constitui mais uma prova de como Deus põe Seus filhos em contacto com as almas sinceras que carecem de luz. Ao partir da Alemanha, este jovem era um incrédulo. Na Libéria fez contacto com os protestantes e abraçou a fé baptista. Mas Deus tinha mais luz para lhe dar e assim pô-lo em contacto com os adventistas. Disso resultaram frutos inesperados. Uma luz acendeu outra, e esta ainda outra; mas quantas luzes virão ainda a brilhar como resultado desses contactos? Só a eternidade o dirá! Sua família encara hoje melhor a fé. Já não condena sua decisão.

Deus proporciona-nos muitas maneiras de sermos a luz do mundo. Por meio de visitas missionárias, estudos bíblicos, inscrições feitas para a Escola Rádio Postal, convites para se ouvir as emissões da Voz da Profecia, distribuição de folhetos, venda de nossos livros, organização de Escolas Sabatinas Filiais, o oferecimento de nossa casa para local de reuniões evangelísticas ou estudos bíblicos para pequenos grupos da vizinhança, colaboração na Sociedade Be-

Continua na pág. 12

Histórias Africanas



SOLDADO CORAJOSO

Raga era um africano de dezasseis anos, alto e forte. Andava descalço, mas como vestia melhor do que os outros julgava-se o rapaz mais elegante da aldeia. Além de elegante, era muito robusto e hábil caçador.

Todos os rapazes da aldeia o olhavam como herói; e a palavra de Raga, por mais absurda e maldosa que fosse, era lei para eles.

Isto causava grande inquietação ao José, o jovem catequista. Tudo o que ele ensinasse aos rapazes sobre o Evangelho era desfeito pelos discursos de Raga que não se cansava de apregoar que os *homens de Jesus* eram todos uns cobardes; que não dansavam nem se embriagavam porque tinham as pernas feitas de junco; tinham medo de lutar e por isso não respondiam aos insultos que lhes dirigiam; etc., etc.

Um dia o Raga abriu conversa com o José sobre o assunto. O José quis explicar-lhe o verdadeiro motivo da sua conduta, mas o Raga não o quis ouvir, e prometeu que faria tudo o que pudesse para evitar que ele *estragasse* os rapazes da aldeia, fazendo deles velhotas em vez de homens.

Uns dias depois dessa conversa, estava o José a dar aula quando de repente se levanta de fora um barulho ensurdecador e difícil de classificar. O professor veio ver do que se tratava, e logo compreendeu que o Raga dava início à prometida campanha: lá estava ele à frente de uma tropa de rapazes, todos com tambores ou chocalhos, dançando, tocando e berrando com quanta força tinham.

— Meu irmão, por favor, leva os teus amigos para outro lado! — exclamou o José, elevando a voz o mais que pôde, mas sem dar mostras de ira, nem mesmo da indignação que sentia.

Raga respondeu-lhe ainda mais alto, e arrogantemente:

— Nós podemos dansar onde quisermos, e queremos dansar aqui! Anda daí, pobre homem de Jesus! Anda, não sejas cobarde, mostra se és capaz de alguma coisa!

E o Raga pôs-se em atitude de luta.

O José, fazendo um grande esforço sobre si mesmo, não respondeu, e voltou para dentro, enquanto os de fora lhe atiravam com todos os nomes injuriosos, que constavam do vocabulário da tribo.

O professor despediu as crianças, que não se fizeram rogadas, para aproveitar aquele feriado inesperado.

Foi o princípio. Seguiram-se semanas terríveis para o José. As crianças não o respeitavam; e até os poucos cristãos que havia no lugar tinham vergonha do seu dirigente: pensavam que ele devia dafender-se e lutar. Mas ele mantinha-se fiel aos ensinamentos e preceitos do Senhor Jesus. O que mais o afligia era ver a frequência da escola, e sobretudo dos cultos, diminuir de semana para semana.

Parecia inevitável ter de se extinguir aquela luz. E ele sofria imenso, pensando que era ele, por sua incapacidade, o causador disso; ele, que tanto desejava que o amor de Deus para com os pecadores fosse ali conhecido!

Continua na pág. 15

Ecos de um passado não muito distante

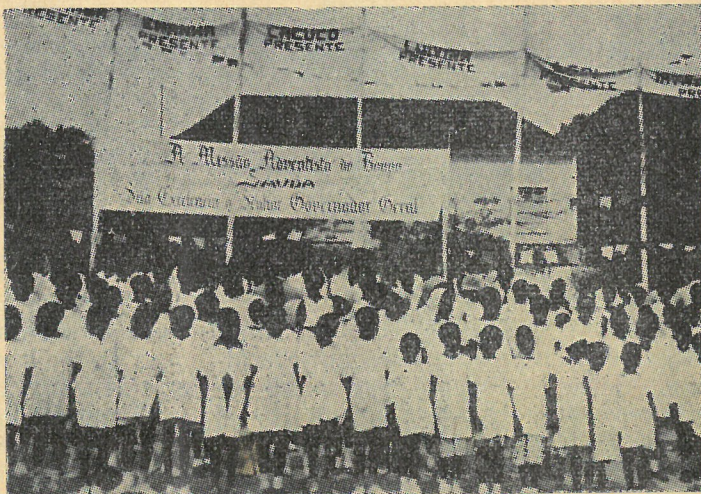
Visita Governamental ao Longonjo

Foi em 17 de Setembro de 1964.

Do que foram esses momentos calorosos que constituíram tal acontecimento, queremos dar um breve relato.

De todas as povoações do nável Concelho e também de povoações limítrofes — Chilata pelo menos — havia bastante gente, desejosa de ver e saudar Sua Excelência, o Sr. Governador Geral, e de manifestar-lhe a sua confiança no homem que por Deus foi designado para chefiar os destinos desta grande parcela de Portugal.

A Missão Adventista do Bongo estava também representada: Dr. Roy B. Parsons, Director do Hospital da Missão, e todos os demais missionários e outro pessoal disponível, além de um grupo de alunos. Apraz-nos registar que os nossos rapazes e meninas — que este vosso conservo teve o alto privilégio de

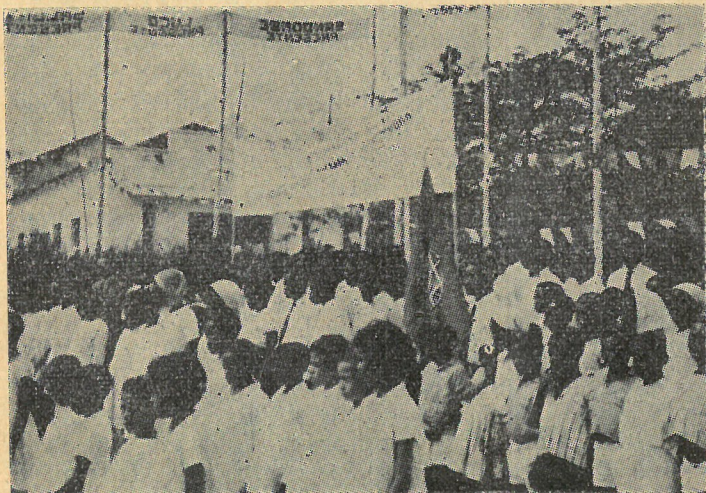


Sob o dístico de Saudação, o coro da M. Adventista do Bongo

ajudar a ensaiar — foram honrados com a distinção de cantarem o Hino Nacional ao içar da Bandeira, enquanto uma guarda de honra apresentava armas. Depois de uns momentos, Sua Excelência presidiu a uma reunião em que elementos das forças vivas do Longonjo apresentaram as necessidades e aspirações do Concelho. À entrada de Sua

Excelência para esta cerimónia, os nossos alunos entoaram duas estrofes do Hino Nacional. Finda a sessão, foram apresentados cumprimentos a Sua Excelência e, de novo pelo nosso Coro foi entoado um outro Hino, cujas estrofes dizem: «Deus vos guarde pelo Seu poder».

O vosso conservo que estas linhas escreve ouviu de um alto funcionário do CITA, que acompanhava o Snr. Governador Geral, palavras elogiosas para os rapazes e meni-



Outro aspecto dos alunos das escolas, na recepção a S. Ex.^a

Continua na pág. 12

A VOLTA PARA DEUS

Joice Bryant, a famosa cantora negra norte-americana convertida à Igreja Adventista do Sétimo Dia, conta a sua comovente história.

(Conclusão do número anterior)

Então fiz o que milhares de pessoas confundidas fazem todo dia. Se Deus não podia ajudar-me, arrazoei, um psiquiatra poderia. Escolhi um médico bondoso e compreensivo, mas ele sabia que o que eu procurava vinha de Deus, e de ninguém podia obter. Instou comigo para que eu orasse, voltasse à igreja, mas dei a mesma desculpa: amanhã, amanhã o farei.

Naquela noite tive um sonho. Sentei-me num deslumbrante trono, monarca de todos me vi. Grandes cidades, cofres de dinheiro, toda a espécie de riqueza concebível jazia a meus pés. Congratulei-me por minhas grandes posses quando olhei para os lados e descobri que estava completamente sozinho. Não havia ninguém para partilhar minha glória, ninguém para falar comigo, ninguém para ser feliz comigo. Comecei a chorar com uma espécie de desolação de coração doente.

Repetidas vezes tive o mesmo sonho terrível. Às vezes, no sonho, forcejava por apanhar avidamente as coisas exibidas diante de mim.

Por esse tempo encontrei uma amiga que era modelo em Nova York e que tinha sido uma vez membro da igreja. Falei-lhe de minha miséria e desolação. Nós duas lanchávamos com outra amiga de Washington. Nossa amiga instou que orássemos. Insisti em apegar-me à crença de que Deus me fulminaria se eu presumisse falar-Lhe. A amiga de Washington orou fervorosamente por nós ambas — duas solitárias e infelizes moças.

No próximo sábado minha amiga, o modelo, e eu, fomos à igreja. Era o começo de uma semana de oração. O pastor R. T. Hudson, de Cleveland, Ohio, pregou um impressionante sermão àqueles que desejavam orações. Minha amiga e eu deixámos nosso endereço e o

telefone com o pastor e lhe pedimos que nos visitasse. No meu apartamento gastei horas ansiosas esperando pelo telefonema. À noite o Sr. Hudson me chamou e marcou uma entrevista para o dia seguinte. Na reunião derramei minha alma, apresentando a mesma pergunta feita no Pentecostes: — Que farei?

A resposta do ministro foi a única concebível: — Cumpra sua promessa a Deus.

— Mas, repliquei, e os meus consideráveis compromissos e obrigações e o meu empresário? e a que me acompanha?

Bondosamente o Sr. Hudson disse: — Miss Bryant, ninguém pode servir a dois senhores. Você tem que escolher.

Aquela noite, terrivelmente transformada, tive outro sonho. Eu estava andando estrada abaixo e cheguei a uma encruzilhada. Quando parei e pensei sobre que caminho tomar, apareceu uma escada. Subi por ela aceleradamente e, do último degrau, contemplei tudo. Repentinamente avistei o inferno. Caos e destruição encontraram meus olhos em todos os lados. Havia bêbedos, viciados, e toda a espécie de pessoas e coisas más.

Não pude ver a outra estrada. Sabia que era a estrada para Deus, que nos permite ver apenas um degrau de uma vez. Mas é uma estrada que não precisamos temer nunca, porque Cristo nos conduz triunfalmente até ao fim. Acordei chorando desesperadamente. Escrevi uma carta a minha mãe e solicitei suas orações. Insisti com ela que pedisse ao Sr. Spears para orar por mim.

Lembro-me da exortação do Sr. Hudson: «Busque... primeiro o reino de Deus. Deus tem sido paciente, misericordioso para comigo. Comecei a orar: «Senhor, tem compaixão de mim. Por favor, mostra-me o caminho!»

Minha Bíblia, que eu tinha empunhado, caiu aberta. Distraída, olhei as palavras que estavam diante de mim: «Homem de pouca fé». Magnetizada por sua silenciosa importância, nesse momento tive poder para escolher. De joelhos prometi a Deus que daquele momento em diante minha vida seria dedicada a Ele. A oração começou a brotar como uma fonte de meus lábios: «Senhor, põe a Tua mão sobre mim e conduz-me! Farei tudo que estiver em minhas forças para servir-Te. Senhor, não a minha vontade, mas a Tua...»

Passara minha tremenda luta. O espírito perturbado e rebelde foi dominado. Uma misteriosa calma substituiu a confusão. Pela primeira vez em meses e anos dormi profundamente.

A maioria de meus associados foi avisada no dia seguinte. Ainda que alguns tenham dito: «É um caso mental; ela precisa ir a um psiquiatra», nunca vacilei. O psiquiatra foi um dos primeiros a mostrar-me que eu nunca seria feliz enquanto não escolhesse o caminho de volta a Deus.

O louvor de famosos repórteres, notáveis actores e atrizes, chegou a mim, e creio que eles são ainda meus amigos. Sou muito grata por toda a palavra de bondade dita a mim, mas minha alegria é ser escolhida para servir a Deus. Os falsos símbolos do êxito, que o dinheiro pode comprar, significam menos do que nada para mim. É a minha paz de espírito que tem mais importância agora.

Sei que, marchando para aquilo que chamamos «êxito», somos de ambições insaciáveis. Quando, porém, meus pensamentos se voltam para a vida plena, sei que recebi através do fogo e da experiência um profundo senso do Seu poder, um vislumbre do suave caminho em que Ele modela uma alma. Sinto Sua mão forte em minha vida.

O Deus que agora conheço é um Deus de bondade e sabedoria, de esperança e benignidade, de prova e confiança. Ele é, acima de tudo, um Deus de infinita misericórdia e amor. Sei, por minha última e pessoal procura da fé, que todo coração estará sempre inquieto enquanto não descansar em Deus.

Perigos das bebidas etc.

Continuação da pág. 3

versos factores, como: quantidade total de álcool ingerido; seu grau de concentração; o temperamento do indivíduo; o peso deste; o ser tomado às refeições ou fora delas; o já se estar ou não habituado ao álcool; a fraqueza ou vigor físico da pessoa; etc.

Dado o facto, porém, de que o álcool é um veneno, quem o toma fica necessariamente, em maior ou menor grau, intoxicado ou, se queremos falar em termos mais correntes, fica envenenado.

E. F.

Frutos inesperados

Continuação da pág. 8

neficiente Dorcas e por outros métodos podemos partilhar a fé e experimentar a alegria que resulta da colheita de frutos inesperados.

«Pela manhã semeia a tua semente, e à tarde não retires a tua mão, porque tu não sabes qual prosperará: se esta, se aquela, ou se ambas igualmente serão boas». Ecles. 11:6.

Visita Governamental ao Longonjo

Continuação da pág. 10

nas do Coro, que cantaram muito bem. Que Deus os abençoe e que sempre, pela vida fora, possam usar o maravilhoso dom da voz para louvarem ao Criador, e para darem «a quem honra, honra» e merecerem aprovação.

Este vosso conservo teve o privilégio de apertar a mão de Sua Excelência, e daqui lhe renova o sincero desejo naquele momento expresso, que exprime o sentimento de toda a Família Adventista: «Que Deus o abençoe, Senhor Governador»!

Missão Adventista do Bongo
O. M. de Albuquerque

Visado pela Censura

Notícias do Campo

Movimento de Obreiros

No início de Novembro de 1964, efectuou-se um reajustamento no corpo docente do Escola Primária de Nova Lisboa. A 3.^a e a 4.^a Classes, bem como os alunos para Admissão aos Liceus, ficaram a cargo da Sra. D. Dulce Felicidade Ribeiro dos Santos; das Classes restantes encarregou-se a Ir. Maria Leonilde Tavares.

—A partir da última quinzena de 1964, a Igreja de Nova Lisboa passou a ficar sob a responsabilidade do Pastor Joaquim de Matos Miranda.

Igreja de Nova Lisboa

«Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá». Efésios 5:14. Este foi o lema das maravilhosas reuniões de reavivamento espiritual, levadas a efeito no templo de Nova Lisboa nos dias 11-13 de Dezembro de 1964. Certamente que todos nos sentimos satisfeitos por ver que em quase todas as reuniões houve bastante assistência e que todos seguiam as mesmas com profundo interesse.

Foi o Pastor Américo J. Rodrigues que com uma conferência realizada no dia 11 às 21 horas deu início às reuniões de reavivamento espiritual.

No Sábado, dia 12, pelas 9,30 deu-se início à Escola Sabatina e às 11 horas assistimos ao culto solene feito pelo Dr. Roy B. Parsons, director do Hospital do Bongo. Neste mesmo dia de Sábado, à tarde, tivemos o prazer e a alegria de assistir a uma cerimónia baptismal, que foi precedida de um estudo bíblico apresentado pelo Ir. José Pedro Falcão Sincer, Pastor da Igreja de Benguela. Não há dúvida de que foi uma maravilhosa tarde espiritual em que mais dez almas, entre as quais quatro jovens, deram testemunho público da sua fé, entregando completamente o seu coração a Jesus através das águas baptismas. Para este punhado de almas, vão os nossos mais sinceros e ardentes votos de uma vida repleta das maiores bênçãos dos céus e inteiramente dedicada a Jesus. Ainda no mesmo dia de Sábado, às 21 horas, assistimos a uma bela conferência feita pelo Pastor Juvenal Gomes, da Igreja de Luanda, que a todos deixou bastante impressionados, não só pela forma como foi apresentada, como também pelo tema que escolheu: «Necessidade de preparação para a vinda de Cristo, em face dos últimos acontecimentos da história da terra.»

No dia 13, Domingo de manhã, ouvimos de novo o Ir. José Pedro Falcão Sincer e o Pastor Juvenal Gomes em um culto devocional e um estudo bíblico, respectivamente.

Eram aproximadamente 13,30 horas, quan-

do a juventude da Igreja entrou perfilada, à frente a Bandeira Nacional e o estandarte dos Missionários Voluntários, entoando vigorosamente o hino «Eis o Estandarte». Nesta altura, já se encontrava na Igreja bastante assistência e no final da reunião a Igreja estava quase repleta. O programa, cujo principal objectivo era a investidura das Classes Progressivas e que foi apresentado unicamente pela juventude, incluiu cânticos, poesias, diálogos e demonstrações culinárias. O Pastor Ernesto Ferreira, director da União Angolana, e que é um grande amigo da juventude, dirigiu algumas palavras às pessoas presentes explicando o que significam e qual a finalidade das Classes Progressivas da juventude adventista. Depois dirigiu-se aos jovens, principalmente aos que iam ser investidos neste dia, recordando-lhes os seus privilégios e deveres, não só como alunos das Classes Progressivas, mas também como juventude adventista, salientando a necessidade de se prepararem e ajudarem os menores a preparar-se para serem futuros homens e mulheres de valor dentro da Igreja e da Sociedade. Finalmente foram chamados todos os jovens que iam ser investidos e que perfaziam o total de 21, entre os quais 2 Abelhinhas Laboriosas, 5 Amigos, 4 Companheiros, 4 Pesquisadores, 3 Guias e 3 Líders. Foi também o Pastor Ernesto Ferreira que fez a entrega dos respectivos emblemas e que no final fez uma oração de consagração pedindo a Deus a Sua bênção e direcção para aquele grupo de jovens. Esta bela reunião, que certamente jamais se apagará da memória de quantos a ela assistiram foi preparada pelo director Pastor Joaquim de Matos Miranda e pelo sub-director Teófilo Ferreira.

Finalmente, pelas 21 horas deste mesmo dia, realizou-se a conferência que iria dar termo ao Congresso. Foi apresentada pelo Pastor Joaquim de Matos Miranda, e podemos dizer, sem receio de errar, que não poderia terminar melhor. Foi feito, no final, um apelo a todas as visitas presentes que desejassem entregar-se a Jesus e constatámos, com enorme alegria, que muitas pessoas, algumas das quais sabemos estarem ali pela primeira vez, levantaram-se e irem à frente, testemunhando assim o seu desejo de pertencerem também a Jesus. Depois o apelo continuou também para aqueles que já eram membros da igreja e que queriam renovar o seu pacto com Deus. Toda a Igreja se levantou e assim permanecendo acompanhou a oração de consagração do Pastor Miranda que implorou a bênção divina.

Em todas as reuniões se fez ouvir o coro da igreja em hinos especiais dirigidos pelo Ir. Teófilo Ferreira.

Creio que na verdade todas estas reuniões contribuíram em grande medida para o reavivamento do nosso espírito. Gostaríamos que

estes maravilhosos dias jamais findassem, mas é necessário que a Obra de Deus seja terminada e com este propósito todos os pastores se dirigiram às respectivas igrejas dispostos a cumprir fielmente a parte que lhes corresponde. Para os pastores das nossas igrejas aqui fica o nosso agradecimento pelos felizes momentos espirituais que nos proporcionaram.

Resta-nos apenas desejar que estas reuniões tenham sido, de facto, um estímulo para cada um de quantos a elas assistiram, a fazer melhor a vontade de Deus e a preparar mais almas, contribuindo assim para a vinda gloriosa de Cristo.

Maria Leonilde Tavares

Campo Missionário do Lucusse — Luconha

«A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros; rogai pois ao Senhor da seara que mande ceifeiros para Sua seara.» Mateus 9:37, 38.

Em 10 de Janeiro de 1964, o Pastor Vitorino Chaves, nessa data director da Missão do Lucusse entregou-me duas cartas — uma para o Sr. Administrador do Concelho dos Luchazes, em Cangamba, e outra para entregar ao Sr. Administrador do Posto de Cassamba. O fim das duas cartas era pedir autorização para abrir uma catequese na aldeia do Soba Chicololo, onde o povo havia manifestado interesse pelo Evangelho.

O Senhor Administrador do Concelho atendeu bem ao pedido, pelo que estamos muito gratos a Deus.

Continuei a minha viagem para o Posto Administrativo de Cassamba. A carreira chegou ali pelas 11 horas da noite. Na madrugada seguinte, pelas 3 horas, o Senhor Administrador do Posto partiu para o Luso, donde só regressou passados cinco dias. Quando voltou, apresentei-lhe a minha guia e fiz entrega da carta do Sr. Director. Tudo ficou tratado por bem.

Uma coisa que eu precisava e que não me apareceu, era o transporte para regressar à Missão. A comida que eu levava acabou. Na loja não havia nada, a não ser sardinhas enlatadas. A fome apertava-me. Um dia o cipaio ofereceu-me o almoço e o jantar, pelo que fiquei muito agradecido.

Em vista dessa falta de transporte, resolvi fazer a viagem a pé, em vez de esperar pela carreira. De facto, precisava de mais uma semana de espera até que saísse do Luso uma camioneta.

Quando me despedi do Senhor Administrador do Posto, ele perguntou-me qual era o meu transporte. Respondi-lhe que ia a pé. Sabendo ele o tempo que estive à espera, arranjou um homem para me acompanhar até à Missão.

E assim foi. Partimos do Posto às 7 horas

da manhã, andámos todo o dia, e só chegámos a uma aldeia pelas 10, 30 horas da noite, bem cansados. Rompeu a manhã do dia seguinte e disse para o homem: «Olha, já são horas, vamos continuar a nossa viagem.» O homem disse: «Eu não vou» ... e ficou mesmo.

Lembrei-me logo do versículo de Salmos 37:5 «Entrega o teu caminho ao Senhor: confia n'Ele e Ele tudo fará.»

Peguei na minha malinha e nas mantas, e prossegui minha viagem. Mas antes disso fiz uma oração a Deus, para que me ajudasse e protegesse de todos os perigos, porque ainda me restava um dia até chegar à Missão do Lucusse. Tive de passar por matas fechadas, por onde de vez em quando andam leões e elefantes. E pelas 9 horas da noite desse dia cheguei finalmente à Missão.

Não tínhamos catequista para ir para aquela aldeia e ali trabalhar. O Pastor V. Chaves perguntou-me: «Quem irá para lá?» Minha resposta foi: «Vou eu, por enquanto.»

Os habitantes são Luchazes e eu não sei a língua. Encontrei, porém, que todos compreendem o quíoco e um deles sabe até falar o umbundu.

Até aqui temos 54 membros da Escola Sabatina e uns 26 inscritos na Classe de Ouintes.

O povo dos Luchazes dedica-se muito a fazer cortiços. Põe o próprio mel na água e extrai a cera. Por fim essa água é posta em cabaças, para fermentar, resultando uma bebida alcoólica que se chama *ovingundu*.

Este povo dedica-se à idolatria e à feitiçaria, sobretudo ao que chamam *omahamba*. Caíndo alguém doente, vêm os convidados, e tocam o batuque todo o dia e às vezes toda a noite, para afugentar a doença.

Se algum homem é apanhado no acto de violação do sétimo mandamento, o tal paga, mas depois a mulher passa a servir os dois maridos e assim eles tornam-se amigos.

Depois do congresso da Missão, algumas pessoas que levei para assistir ao mesmo, quando voltaram para a aldeia deram provas de conversão. Um arrancou certos paus, que espetava na cabeceira da cama, a fim de que lhe desse filhos. Outro saíu um dia para o serviço, e de lá veio a mulher do amigo e lhe disse: «É verdade que agora não continuarás a ser amigo, como de costume?» A resposta do homem foi: «Não, porque um missionário que veio de Nova Lisboa fez uma pregação que proíbe as coisas que eu antes praticava.»

Agradeço muito a todos pelas vossas orações a Deus para que a obra que iniciámos nessa aldeia tenha bom êxito, e para que todos os amigos Luchazes, grandes e pequenos, venham a aclamar o glorioso e santo nome de Jesus Cristo.»

Vosso conservo em Cristo

Pedro Cavita

Boletim Adventista

Campo Missionário da Luz

Em 12 de Março de 1964 chegámos à área do Luso. Quando aqui cheguei, visitámos 6 catequeses e 7 ramificadas, com o Sr. Director da Missão da Luz.

Em Maio recebi um chamado para ir a uma das catequeses, que se chama Luxia.

Encontrei ali o Ir. Rodrigues Vieira desanimado, porque após ano e meio de pregação naquela aldeia ninguém estava pronto para o baptismo.

Falei com ele para se fazer uma mudança. Logo que ele mudou para outro lugar, sem tardança o povo começou a edificar a casa do mestre e muitos começaram a fazer as suas casas na aldeia. Pela graça de Deus vê-se o trabalho prosperar. Já ali temos as Classes de Ouvintes e Baptismal.

Durante a Semana de Oração visitámos seis aldeias, onde não se encontra nenhum representante da Mensagem do Advento. Cantámos hinos e muitas pessoas vinham para ouvir a pregação. Quando olhei para multidão, lembrei-me da Palavra de Deus: «Jesus chorou». João 11:35.

«Viu que muitos dos que agora choravam por Lázaro morreriam no cerco da cidade e não haveria esperança na sua morte. Não foi somente pela cena que se desenrolava a Seus olhos que Cristo chorou. Pesava sobre Ele a dor dos séculos. Viu os terríveis efeitos da transgressão da lei divina. ... Lançando o olhar através dos séculos por vir, viu o sofrimento e a dor, as lágrimas e a morte que caberiam em sorte aos homens. Seu coração punziu-se pelas penas da família humana de todos os tempos e em todas as terras. Pesavam-lhe fortemente sobre a alma as misérias da pecadora raça, e rompeu-se-lhe a fonte das lágrimas no anelo de lhes aliviar todas as aflições». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 397.

Muitas pessoas vêm até nós pedindo com insistência obreiros, que infelizmente não podemos atender. Oremos, pedindo ao Senhor que envie mais obreiros para a Sua bendida Causa.

Ernesto Celestino Mendes

Soldado Corajoso

Continuação da pág. 9

Finalmente, e dum modo bem estranho, as coisas mudaram.

O Raga tinha ido para o mato caçar. Por qualquer inadvertência a espingarda explodiu-lhe nas mãos, e o pobre rapaz ficou terrivelmente ferido nas mãos, no rosto e nos olhos, principalmente: ficou cego.

Toda a aldeia deu conselhos e remédios; mas ninguém lhe deu algum alívio senão o José. Educado na Mis-

são, tinha melhores conhecimentos do que os outros, e tratou as queimaduras com carinho e perícia. Mas nos olhos não se atreveu a mexer. Instou com o pai do Raga para que consentisse que o ferido fosse tratar-se no Hospital da Missão. O Raga, horrorizado com a ideia de ficar cego para o resto da sua vida, juntou os seus rogos aos do até ali desprezado José, e o pai consentiu. O José acompanhou-o até à Missão e voltou ao seu trabalho.

Passaram-se algumas semanas de tranquilidade: a escola voltou a ser bem frequentada, e a assistência aos cultos também melhorou.

Certo dia, o culto tinha já começado, quando o catequista viu o Raga entrar. Como estava mudado! Quase cego, mas com uma expressão de paz e alegria, que fazia bem contemplar. Ouvia com atenção a pregação do José. E, terminada a reunião, foi, tacteando o caminho, até junto dele, e disse:

— Meus amigos, meus irmãos: todos me conheceis, e sabeis tudo o que fiz para obrigar o nosso mestre a sair daqui. Jesus abriu-me os olhos da alma quando eu estava no hospital. Agora vejo como fui tolo e mau. Graças a Deus! Estou quase cego, talvez fique completamente cego, mas tenho no meu coração a verdadeira luz. Aqui trago a minha oferta de gratidão. Era o dinheiro destinado para o meu casamento».

Raga tirou da algibeira um maço de notas, e continuou:

«É o menos que posso fazer para mostrar a minha gratidão a Deus e ao José, que me guiou para ele. Quero ser como o José, soldado fiel e corajoso do Senhor do Céu; quero como ele combater com as armas da paciência, do amor, do perdão, que são afinal as mais fortes do mundo».

A. O. S.

Todo o erro, toda a falta, toda a dificuldade vencidos, se tornam um degrau no acesso a coisas melhores e mais elevadas. É mediante tais experiências que todos os que tornaram a vida digna de ser vida conseguiram o êxito. — *Educação*, pág. 296.

Tabela do Pôr-do-Sol nalgumas cidades de Angola

		Luanda	Malanje	Luso	Benguela	N. Lisboa	Sá da Bandeira	Moçamedes
Janeiro	1	18,30	18,19	18,09	18,36	18,27	18,40	18,46
	10	18,33	18,22	18,11	18,39	18,30	18,43	18,48
	20	18,35	18,24	18,13	18,40	18,31	18,44	18,49
Fevereiro	1	18,35	18,23	18,12	18,39	18,30	18,42	18,48
	10	18,34	18,22	18,10	18,38	18,28	18,40	18,45
	20	18,31	18,19	18,07	18,33	18,24	18,36	18,40
Março	1	18,27	18,15	18,02	18,29	18,18	18,30	18,35
	10	18,24	18,12	18,58	18,25	18,15	18,25	18,30
	20	18,18	18,05	18,51	18,18	18,08	18,18	18,23
Abril	1	18,12	17,59	17,44	18,10	18,01	18,10	18,14
	10	18,08	17,56	17,40	18,05	17,56	18,03	18,09
	20	18,03	17,50	17,34	17,59	17,50	17,57	18,02
Maio	1	17,58	17,44	17,28	17,53	17,44	17,52	17,55
	10	17,56	17,42	17,25	17,50	17,40	17,47	17,52
	20	17,55	17,41	17,24	17,49	17,39	17,45	17,50
Junho	1	17,54	17,40	17,22	17,47	17,37	17,44	17,48
	10	17,55	17,41	17,23	17,48	17,38	17,44	17,48
	20	17,57	17,43	17,25	17,50	17,40	17,45	17,50
Julho	1	17,59	17,45	17,27	17,52	17,42	17,47	17,52
	10	18,01	17,47	17,29	17,54	17,44	17,50	17,54
	20	18,04	17,50	17,33	17,58	17,48	17,50	17,58
Agosto	1	18,06	17,52	17,35	18,00	17,50	17,57	18,02
	10	18,06	17,52	17,36	18,01	17,51	17,59	18,03
	20	18,06	17,53	17,36	18,02	17,52	18,00	18,04
Setembro	1	18,06	17,53	17,37	18,03	17,54	18,01	18,06
	10	18,05	17,52	17,37	18,03	17,53	18,02	18,07
	20	18,03	17,50	17,36	18,02	17,53	18,03	18,07
Outubro	1	18,03	17,51	17,37	18,03	17,52	18,04	18,09
	10	18,02	17,50	17,37	18,03	17,54	18,05	18,09
	20	18,01	17,49	17,36	18,03	17,54	18,06	18,10
Novembro	1	18,03	17,51	17,39	18,06	17,57	18,10	18,14
	10	18,06	17,54	17,43	18,10	18,01	18,15	18,19
	20	18,09	17,58	17,46	18,14	18,05	18,19	18,23
Dezembro	1	18,13	18,02	17,51	18,19	18,09	18,25	18,28
	10	18,18	18,07	17,57	18,24	18,15	18,30	18,34
	20	18,23	18,12	18,02	18,29	18,20	18,35	18,39